

# É esse jornalismo de análise que permitirá uma discussão pública mais lúcida

---

Entrevista com Manuel Chaparro

**Cilene Victor**

*Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo*

*Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero*

*E-mail: [cilenevictor@casperlibero.edu.br](mailto:cilenevictor@casperlibero.edu.br)*

Um dos nomes mais importantes da pesquisa e do ensino do jornalismo no Brasil, o luso-brasileiro Manuel Carlos Chaparro, tem conseguido transformar suas críticas, observações e análises do estado da arte do jornalismo em momentos singulares de reflexão e aprendizagem para profissionais, pesquisadores e estudantes da área.

Convidado para a conferência de abertura do XII Fórum de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, realizado pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa – CIP e pelo Programa de Pós-Graduação (PPGCom), em novembro deste ano, Chaparro provocou a inquietação do público do Fórum, formado por professores, estudantes e pesquisadores de iniciação científica da Cásper.

Sempre que se veem diante de profissionais, acadêmicos ou pesquisadores com atuação jornalística em décadas passadas, os alunos tendem a esperar uma fala saudosista e que, ora, nega-se a reconhecer as mudanças positivas no fazer jornalismo. A grande surpresa, quando falamos em Chaparro, é poder conhecer um jornalista que iniciou sua carreira ainda em Portugal, na década de 1950, e continuou nas décadas seguintes em solo brasileiro, mas não fez desse passado uma moldura ou um parâmetro para o jornalismo de hoje.

Jornalista graduado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECAUSP), onde também fez seu mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação, e pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Chaparro continua, nesta entrevista, a conversa que provocou em todos nós, da academia ou das redações, o desejo de conhecer tão bem o presente do jornalismo quanto conhecemos o seu passado.

**Communicare - Durante o Fórum de Pesquisa da Cásper, o senhor comentou que o jornalismo praticado na atualidade, embora intensamente criticado, ainda é melhor do que aquele do passado. O que há de melhor neste jornalismo?**

**Manuel Carlos Chaparro** - Em primeiro lugar, uma redução quase radical da corrupção. O jornalismo de ontem, que conheci na década de 1970, era comprado. O jornalista não pagava imposto de renda, por um direito assegurado em lei, ele tinha o emprego público que quisesse. Um colega meu, empregado em um grande jornal do Nordeste, tinha treze empregos públicos e não trabalhava em nenhum. Jornalista viajava de graça e participava dos cenários do poder, como se fizesse parte dele, mas na realidade era tudo uma representação de alguém que usava o jornalismo. Além disso, tinha-se naquela época um universo muito limitado de usuários do jornalismo, tanto cidadãos, quanto entidades sociais. Falava-se que o mundo era silencioso, de maioria silenciosa. E isso mudou bastante! Outra grande mudança é a tecnológica. A tecnologia pode não ter influenciado muito na qualidade dos jornais, mas se compararmos os veículos de hoje com

os de antigamente, veremos uma grande diferença do ponto de vista visual. Ao longo do tempo, recorreu-se a outras áreas do conhecimento. Por exemplo, a primeira página do projeto do JB [Jornal do Brasil] da década de 1960 foi pensada, planejada e executada por arquitetos. Foi construída a fisionomia visual da primeira página e, sem dúvida nenhuma, de maneira notável. A tecnologia produziu um efeito extraordinário nas relações e nas estruturas sociais, sobretudo porque ela avançou de forma progressiva, reduzindo e eliminando o intervalo entre o acontecimento e a notícia. Isso gerou transformações formidáveis na sociedade.

### **Communicare – E quais foram essas transformações?**

**MC** – Atualmente, temos uma sociedade falante, e os sujeitos sociais organizados se apropriaram da notícia para usar o jornalismo como principal espaço e linguagem de ações e interesses sociais. Antigamente, lembro-me do quanto o pauteiro sofria para planejar as suas páginas, as suas editoriais, e o repórter tinha de ir para rua porque era difícil fechar os jornais, as notícias não chegavam. Agora, a situação é totalmente inversa. Então, temos uma transformação que nos obriga também a pensar o jornalismo de uma forma diferente, por exemplo, a cultura jornalística nunca inseriu as fontes no contexto jornalístico. Observe os livros de jornalismo e os manuais de redação, neles a fonte nunca era tratada como sujeito no processo jornalístico, sendo que ela o é e sempre o foi. O que o jornalismo faz? Narra e analisa o que os outros dizem e fazem, portanto, sem a fonte nunca se fez nada, mas a cultura jornalística tinha tal desprezo pela fonte que a tratava como um objeto, mas isso já não é mais assim. Atualmente, a fonte usa profissionalmente, e com muita competência, o espaço e a linguagem do jornalismo para os seus movimentos e as suas ações e estratégias de relacionamentos sociais, políticos etc.

### **Communicare – E os reflexos dessas transformações?**

**MC** – Podemos ver pela essência da sociedade. O mundo hoje é um mundo institucionalizado. Nas décadas de 1960 e 1970, pensávamos no cidadão como ente individual, hoje os entes sociais não são individuais, são instituições, são empresas, grupos culturais, grupos intelectuais e políticos. Houve a apropriação da notícia e a sua evasão como ferramenta jornalística das redações. Isso porque o jornalismo não se limita às redações e talvez essa seja uma grande novidade que o mundo descobriu. O jornalismo é uma linguagem de intenso uso social, não apenas por quem escreve a notícia, mas também por quem a gera e a lê. Tudo isso faz parte do contexto jornalístico, o que tornou essa atividade muito mais importante do que antes. Pode ser que as redações tenham perdido a importância relativa, mas o jornalismo como linguagem e como espaço público dos conflitos da atua-

lidade ganhou muito mais importância. Hoje, por exemplo, estou assistindo televisão desde as seis horas da manhã, acompanhando tudo o que está acontecendo no Brasil. O que é isto? Eu sou um usuário do jornalismo, como todos aqueles que estão usando o jornalismo para socializar o seu discurso. O jornalismo hoje é verdadeiramente um espaço público porque usa uma linguagem ponteada, então todos têm a responsabilidade de zelar pela linguagem jornalística.

**Communicare – E como o senhor analisa a repercussão de notícias do jornalismo impresso nas mídias sociais, quando muitas delas nem mesmo são lidas e os comentários são a partir da interpretação de alguém?**

**MC** - Não pesquisei esses novos contextos do jornalismo, mas como observador penso que essa é uma análise um pouco simplificada. Mesmo que seja assim, estamos falando de um processo social, alguém lê, espalha, repercute e discute. Faz parte do próprio jogo das relações e das estruturas sociais, mas eu acho que não é bem assim. Indiretamente, a sua pergunta remete à crise dos meios impressos, que hoje se socorrem da mídia eletrônica para acompanhar o ritmo do mundo. Os grandes jornais impressos do Brasil – não sei como está acontecendo no resto do mundo, embora pareça-me um pouco diferente – ainda não encontraram o seu espaço e a sua função neste mundo, onde não há intervalo entre o acontecimento e a notícia, que deixou de ser controlada pela redação e passou a ser parte do acontecimento. E o acontecimento nasce e manifesta-se tendo a notícia como âmago, ou seja, ele tem essa natureza noticiosa porque se não a tiver não transformará nada. Este é um cenário novo, inclusive do ponto de vista conceitual, pois temos de pensar no jornalismo e na possível e nova estruturação da profissão.

**Communicare – O senhor poderia nos dar um exemplo prático dessa dinâmica?**

**MC** - Temos no espaço da internet táticas jornalísticas bastante amplas e intensas. Por exemplo, o Leonardo Sakamoto tem um espaço próprio, com prestígio e poder próprios que antigamente um jornalista não conseguia conquistar, então há um cenário novo. Parece-me que o jornalismo rompeu definitivamente as fronteiras que o continham no espaço físico e simbólico das redações. Mesmo o cidadão comum que telefona para uma emissora de televisão para agendar uma reportagem, se ele não respeitar a linguagem jornalística, seu discurso vai fracassar. Essa linguagem ganhou dignidade, muito além das grandes redações jornalísticas. Vejo que este mundo não está ainda estudado, pelo menos ainda não o estudei, mas de alguma forma todos nós participamos dele. Quando vou ler o jornal, praticamente já sei quase tudo que ele vai me oferecer. Hoje, nem assino mais jornal impresso, só o formato digital, mas, quando leio a edição da *Folha*, do

*Estadão* ou do *Globo* antes disso já me informei de tudo, sei o que os jornais têm porque eles próprios anunciam antes o que vão dizer.

### **Communicare – Qual a solução para a grande imprensa?**

**MC** – A grande imprensa precisa redescobrir uma nova função, como a de trabalhar com a vocação da discussão, da análise, do desdobramento, do que não aparece na notícia, um mergulho nas causas e nas consequências para que o cidadão possa entender o que está acontecendo com ele. Eu não sei porque as entrevistas, uma classe de textos de potencial extraordinário para ter sucesso nestes tempos, têm sido pouco usadas. Do mesmo modo, não sei porque os jornais continuam a esconder os seus editoriais. Essas análises, muitas vezes, têm ótimas e novas abordagens que a primeira página não anuncia e prefere dar visibilidade às coisas velhas.

Falta valorizar a análise e os jornais deveriam fazer isso na primeira página, publicando seus editoriais, entrevistas, debates. Esta é uma forma de ajudar o cidadão a pensar o que está acontecendo. A imprensa precisa promover a discussão, elucidar as questões centrais para a opinião pública. É esse jornalismo de análise que permitirá uma discussão pública mais lúcida, consciente e transformadora. Há um espaço novo que o jornalismo impresso não está utilizando e não está sabendo usar.

### **Communicare – Neste contexto, qual poderia ser a contribuição da academia?**

**MC** – O problema é que a academia, da qual não faço mais parte [desde que se aposentou como professor da ECAUSP], olha muito para os livros e pouco para o mundo, quando deveria ser o contrário, uma vez que as grandes transformações produzidas pelas tecnologias, por exemplo, não se dão pelos livros, mas no mundo. Desenvolvi meus métodos de pensar e observar o jornalismo a partir da experiência e da sabedoria que adquiri da militância operária. Como se conscientiza um militante operário? Dizendo a ele para ler livros ou observar o que está acontecendo ao seu redor, vendo o que ele pode transformar? O que eu ensinava na faculdade, o que escrevo e penso hoje resultam de um método que usávamos para formar militantes operários, o que acabei chamando de meu método científico, amparado no ver, julgar e agir. O ver é observar a realidade, o julgar é discutir a realidade, entendê-la pelas várias facetas, como ideológica, econômica, política, social e cultural. E depois dessa análise, fazíamos as perguntas voltadas para a militância: o que nós podemos fazer? Não é o que devemos fazer, mas o que podemos fazer!

### **Communicare – Como seria a dinâmica para reduzir o abismo entre a realidade prática e o ritmo da academia?**

**MC** - É necessário buscar o saber na prática profissional e depois teorizá-lo, ou seja, levar para a academia esse conhecimento que, depois, ela mesma consiga retribuir com pensamentos, propostas e análises novas, pois a prática se renova de alguma forma. Também é uma perda de tempo tentarmos analisar os problemas de hoje com os argumentos e conceitos de antigamente. São problemas novos! Do mesmo modo, por que os jornais de hoje publicam as mesmas coisas? Antes, batalhávamos pelo furo, íamos para a rua para trazer matérias que os outros ainda não tinham publicado. Hoje, todos só publicam as mesmas coisas. A falta de diversidade de matérias leva muitos a acreditar que isso resulta de um acordo ou combinação entre os editores, pura falácia. Esse fato é a manifestação de uma nova fisionomia do jornalismo, é o poder das fontes de usar e agendar o próprio jornalismo, sendo sujeitos dele e fazendo seu papel de uma maneira muito competente. As fontes realizam aquilo que os jornalistas não podem produzir: acontecimentos e ações de uma forma interessada. O jornalismo tem a vocação de narrar aquilo que os outros fazem ou dizem e isso está em falta hoje em dia, pois quando apenas se reproduz o discurso da fonte, o jornalismo renuncia à sua vocação narradora pela narração do consumismo. Não é a simples narração do acontecimento, mas é a narração do que aconteceu, dos dados desse acontecimento e dos efeitos produzidos pelas fontes. Então, essa vocação é própria da linguagem jornalística, sendo narradora e argumentadora ao mesmo tempo, ainda que o jornalismo atual não esteja utilizando bem nem valorizando essa vocação. De alguma forma, temos as boas manifestações na internet, como o Sakamoto, que é um questionador e um bom crítico. Às vezes, não concordo com o que escreve, mas ele presta uma grande contribuição à discussão pública das questões mais atuais.

### **Communicare – E como está a farsa da separação entre opinião e informação no jornalismo brasileiro?**

**MC** - Essa separação virou uma verdade, inclusive muito defendida. Criou-se uma espécie de verdade na cultura jornalística que é uma fraude. Você não pode informar o leitor, decidir o que é mais importante, se isso é um exercício criativo. Por outro lado, quando você entrevista e faz uma reportagem, a resposta é argumentativa, é uma escolha sua se você publica uma frase dita pelo entrevistado. Você se apropria do que o outro diz, de sua ideia e julgamento para dar relevância no seu texto. O jornalismo se constrói, portanto, com informação e opinião e se

organiza em esquemas: o da narração e o da argumentação, ambos com informação e opinião, em doses que o autor julga convenientes. Costumo dar o exemplo das páginas amarelas da *Veja*. É uma entrevista no seu formato, na sua estrutura externa e o gênero nunca se refere ao conteúdo, mas sempre à forma. E isso é uma parte do equívoco de dividir o jornalismo em opinião e informação. Quando você divide ambas, você vai se referir ao conteúdo e o gênero não faz parte do conteúdo, ele pertence ao universo da forma. Se as perguntas forem eliminadas e as respostas, devidamente costuradas, teremos aquela entrevista transformada em um artigo, mas com o mesmo conteúdo.

### **Communicare – E por que insistimos nessa divisão?**

MC - Esse é um problema cultural. Temos uma grande influência do jornalismo norte-americano. Na Europa, a discussão pública é muito influenciada pelos editoriais dos jornais, pelos analistas da própria mídia impressa que vão para a televisão fazer análise. A discussão pública em Portugal, por exemplo, não é influenciada pelas reportagens, mas sim pela análise dos editoriais e dos contextos econômicos e políticos. No Brasil, temos a cultura de ter uma discussão pública a partir da análise jornalística, ela está baseada nas reportagens. Eu não sei como mudar este fato, mas creio que o jornalismo impresso poderia ocupar esse espaço de poder que não está sendo ocupado.

### **Communicare – E os jornais impressos não têm cumprido a função de brindar o leitor com um bom jornalismo analítico?**

MC - Não, eles não têm cumprido essa função, até porque não conheço nenhum jornal que tenha seu editorial na primeira página, por exemplo, e isso existe em vários diários do mundo. E há também uma atitude ousada, que alguns jornais experimentaram, que é a de integrar a reportagem com a análise. Por que concentrar os editoriais como espaços das elites, de um leitor privilegiado e capaz de entender o que o autor do editorial explica e não enxertar ao lado ou ao pé da reportagem um artigo propondo uma maneira de entender o que está ali relatado? Essa linha de capacitar o leitor para entender o que está acontecendo e formar a sua própria opinião, a partir da sua realidade, o meio impresso pode desenvolvê-la com muito mais eficácia do que a televisão, por causa da permanência do texto impresso. Mas os jornais não escolhem esse caminho.

### **Communicare – Com sua experiência acadêmica, o senhor poderia sugerir algumas novas abordagens?**

MC - Não, não tenho competência para isso. Uma das grandes frases que a história da cultura brasileira nos guardou é do Darcy Ribeiro: “Os avanços da civilização não se dão por lutas de classe, mas por revoluções tecnológicas”. Então,

as transformações sociais nas relações e nas estruturas sociais vêm sempre em paralelo ou até mesmo no seio da revolução tecnológica. Na medida em que a revolução tecnológica é operacionalizada em ações e novas práticas, também vão se alterando as relações e estruturas. Acho que essa frase poderia estimular a criatividade dos pesquisadores. O que está acontecendo no mundo em termos de mudanças tecnológicas? Certamente, elas vão mudar o ritmo, a intensidade e a diversidade dos fatos da atualidade. Então, penso que os grandes sábios tiveram pensamentos imortais, mas que precisam ser atualizados e aplicados à nossa realidade. É necessário olhar o mundo, que é continuamente modificado pelo uso das tecnologias, alterando os sonhos das pessoas e a capacidade transformadora da ação humana. É uma maneira de dinamizar esses métodos de fazer reflexão mais acadêmica.

**Communicare – O senhor gostaria de fazer mais algum registro?**

**MC** – Sim, vou deixar uma mensagem que gosto muito de mandar para os estudantes. Devemos educar os nossos alunos para que exercitem cada vez mais a inteligência, a curiosidade e a intensidade. Por quê? Quando um professor ensinar uma verdade pronta e um aluno perguntar o porquê, talvez o rumo da aula seja mudado. É bom fazermos uma auto crítica, indagarmo-nos, pois creio que o “por quê” é uma oportunidade para não nos repetirmos e para continuarmos abertos a ideias novas e a novas leituras da realidade. Isso transforma continuamente. Essa mania, por exemplo, de criticar o jornalismo com argumentos de antigamente é uma tolice, os problemas são outros, não mais de épocas passadas.